

# UMA OBRA ESSENCIALMENTE FILOSÓFICA

Bento Prado Jr.

## RESUMO

Bento Prado Jr. considera que o livro de Paulo Arantes é de natureza essencialmente filosófica, visando uma reflexão sobre o lugar da filosofia no mundo contemporâneo. Embora concorde globalmente com o diagnóstico de que não faz mais sentido fazer filosofia diretamente, Bento aponta a necessidade — que Paulo Arantes recusa — de tematizar, mesmo que de maneira oblíqua, o estilo da linguagem filosófica no grau zero do seu nascimento.

*Palavras-chave: filosofia; Paulo Arantes; Universidade de São Paulo; década de 1960.*

## SUMMARY

Bento Prado Jr. considers Paulo Arantes' book to be of an essentially philosophical nature, seeking to reflect upon the place of philosophy in today's world. Though wholly agreeing with the diagnosis that it no longer makes sense to do philosophy directly, Bento points out the need — which Paulo Arantes denies — to thematize, albeit obliquely, the style of philosophical language at its original ground zero.

*Keywords: philosophy; Paulo Arantes; Universidade de São Paulo. 1960s.*

É difícil dizer em poucas palavras tudo o que penso de bem a respeito desse livro. Esse livro, bem entendido, no contexto de todos os outros já publicados, ou não, por Paulo Arantes. Essa referência aos outros textos do Paulo é essencial. Só através dela se poderá perceber que a inspiração e o alcance desse livro não é puramente paroquial, nem se limita à razoável necessidade de catarse indissociável da narração crítica e autocrítica dos anos de formação do autor do livro. Se o livro de Paulo fosse apenas uma crônica da ideologia do Departamento de Filosofia da USP na década de 60, teria pouco interesse filosófico, embora pudesse ter alguma significação para a "petite histoire" das idéias de São Paulo ou para a história das "petites idées" na mesma cidade.

Minha primeira tese, portanto, é a seguinte: o livro de Paulo é de natureza essencialmente filosófica. Aí discordo do Porchat. E só na aparência limita-se a descrever um certo estilo de produção filosófica ou quase filosófica na periferia do mundo contemporâneo. Na verdade, essas páginas só podem ser completamente compreendidas se lidas simultaneamente com mil outras já escritas ou

em vias de sê-lo, consagradas à ideologia alemã ou à gênese da idéia de dialética no pensamento alemão nos séculos XVIII e XIX, à ideologia francesa ou ao destino e sobressaltos da filosofia francesa no século XX e à ideologia neoliberal americana, a tentativa pobre da recuperação atual da viva inspiração do pragmatismo na filosofia norte-americana. Tenho a impressão que tem alguma coisa nessa direção. Não se trata, portanto, de sobrevalorizar nossa produção local. Trata-se, antes, de perguntar pelo lugar da filosofia contemporânea no seu lugar, isto é, no mundo contemporâneo.

Para Paulo, em cada um desses casos, na periferia como no centro, exceto talvez no caso da filosofia alemã que, segundo Paulo e Roberto, é o "locus" privilegiado da "Bildung" universal, em todos esses casos trata-se de mostrar como a atividade filosófica empobreceu-se de maneira fundamental porque perdeu um lugar que lhe coube num tempo que há muito já passou. Numa palavra, a filosofia com Hegel e Marx de alguma maneira realizou-se e não se pode mais fazer filosofia como antigamente. A não ser nas escolas, onde professores universitários podem debater ociosamente sobre questões como "por que o ser é e o não-ser não é?", "os juízos sintéticos são ou não são irredutíveis aos juízos analíticos?", "qual é a relação na percepção entre consciência e coisa?", "qual é a relação entre as palavras e as coisas?" e assim por diante.

Convenhamos que a quase totalidade da filosofia universitária contemporânea, sem excluir a Alemanha, demora-se demais numa espécie de perplexidade beata, que só morde sobre problemas específicos da tradição na sua forma técnica, isto é, na sua forma não filosófica. É claro que os problemas e as soluções são tanto mais técnicos quanto menos filosóficos se tornam. Convenhamos também, voltando ao Brasil, que a tecnicidade instaurada em nossa escola era uma ideologia pedagógica, bem adequada aliás à circunstância brasileira. Convenhamos ainda que nossos trabalhos em boa parte obedeciam externamente ao modelo historiográfico importado. Embora na origem esse modelo não fosse necessariamente sempre praticado de maneira mais rica.

Numa palavra, os textos de Paulo sobre os paulistas, os franceses, os alemães e os americanos visam uma reflexão sobre o lugar da filosofia no mundo contemporâneo. Tenho a dizer que concordo globalmente com o seu diagnóstico, mesmo naquilo em que esse diagnóstico implica cacetadas sobre coisas que andei escrevendo. De certa maneira, endosso essas cacetadas, embora confesse que tenha ficado um pouco tranquilo quando percebi que hoje o Paulo não trouxe consigo aquele bastão de beisebol que foi tão bem retratado no jornal *O Estado de S. Paulo*. Endosso quase todas as cacetadas, mas disse "quase" todas.

Por que não integralmente, embora seja difícil explicar o limite, a linha que separa a concordância da discordância? Não é fácil indicar com clareza o ponto exato em que discordo de alguma frase do Paulo Arantes. Ou melhor, quero dizer que, aderindo ao movimento do seu discurso e sempre descobrindo com ele coisas que jamais havia percebido com clareza, não posso, afinal, aderir integralmente ao sentido geral que ele percorre.

Para tentar explicar a vocês, ao Paulo e a mim mesmo (o que é uma tarefa infinita) as razões dessa minha dificuldade de concordância, preciso

cometer uma pequena inconfidência, mas que não me parece muito grave: há pouco tempo, o amigo disse que gostaria (embora considerasse isso uma tarefa excessivamente larga para ele) de fazer com a filosofia moderna algo de semelhante ao que Auerbach fez com a literatura no seu monumental livro *Mimesis*. Em outras palavras, fazer a história da representação filosófica da realidade, provavelmente nos dois últimos séculos.

As observações que farei a seguir, claro, não retomarão o argumento que imediatamente se invoca contra o historicismo entre aspas ou o argumento, que é sempre invocado, contra todas as formas de relativismo, ou o argumento de que uma abordagem externa da filosofia é ingênua filosoficamente, ou é dogmática porque impõe uma filosofia que não se declara.

Não se trata, para mim, de opor a "philosophia perennis" a uma forma qualquer de historicismo, como supôs Alexander Nehamas no nosso último debate no "Estadão". Nehamas se localiza, naquela ocasião, numa espécie de ponto intermédio entre uma suposta concepção unitária ou eternitária da filosofia por mim defendida e o suposto historicismo de Paulo Arantes, na extrema direita dessa oposição.

No caso de Paulo, seria preciso lembrar que nenhum hegeliano pode ser pensado como historicista. Isto é claro para quem leu, por exemplo, "A ordem do tempo", de Paulo Arantes. No meu caso, de outro lado, a simples idéia de que a História da Filosofia é o chão da filosofia implica que a idéia de uma "philosophia perennis" é uma idéia em si mesma insustentável. Decididamente, Heidegger, Foucault, Lébrun, por mais diferentes que sejam, não podem ser confundidos com Jacques Maritain. O que se supõe quando se afirma que a História da Filosofia é uma história da filosofia é que as mais profundas mudanças no repertório conceitual do pensamento não a arrancam ao horizonte primeiro aberto pelos gregos.

Ora, a empresa de Paulo, que é hegeliana, a idéia que ela implica é que a filosofia se completou num passado recente e que não tem mais sentido fazer filosofia diretamente. O Paulo fala, se não me engano (não nesse livro, mas em algum lugar, tenho a impressão), que não tem mais sentido fazer filosofia diretamente, o que sugere a idéia de uma ilusão, a de um acesso imediato ou direto ao universal filosófico. É justamente essa idéia que me parece sensata e realista, mas que, no entanto, não posso acompanhar integralmente.

Entendo e simpatizo com a idéia de que a proposta da filosofia, hoje mais do que nunca, é negativa ou indireta. E aqui eu me lembro dos textos do Merleau-Ponty sobre linguagem estética, particularmente em "A linguagem indireta ou as vozes do silêncio" e "A prosa do mundo".

Mas não vejo como não tematizar, mesmo que de maneira oblíqua, o estilo da linguagem filosófica, digamos, no grau zero do seu nascimento. E é o que me parece, de alguma maneira, que o Paulo se recusa a fazer, entendendo esse cuidado com uma expressão de uma perplexidade sem data e sem chão, portanto com uma preocupação estéril e abstrata, ou seja, sem qualquer rendimento teórico possível.

Bento Prado Jr. é professor de filosofia da Unesp.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 39, julho 1994  
pp.255-257

---